

A DEVOÇÃO MARIANA EM SÃO FRANCISCO DE SALES APÓS A COMEMORAÇÃO TRICENTENÁRIA DE APARECIDA E DIANTE DO SÍNODO DA AMAZÔNIA

MARIAN DEVOTION IN SAINT FRANCIS OF SALES AFTER THE THIRD CENTENARY COMMEMORATION OF OUR LADY APARECIDA AND FACING THE AMAZON SYNOD

Agnaldo Costa Junior¹

Resumo: O artigo trata da devoção mariana no contexto brasileiro à luz de São Francisco de Sales, doutor do Amor de Deus. O objetivo deste estudo é mostrar a contribuição do santo doutor na compreensão do afeto brasileiro a Maria. Para isto, a pesquisa foi desenvolvida na obra de São Francisco de Sales, assim como no ensinamento eclesial. O importante é perceber o desenvolvimento do culto mariano até os nossos dias. O achado da imagem de Maria pelos pescadores marcou o início da devoção a Nossa Senhora Aparecida. O culto da Mãe de Jesus vincula-se ao mistério da salvação em Jesus Cristo. Maria é Mãe porque é “esposa” de Cristo. Maria é dom precioso de Deus à Igreja. São Francisco de Sales evidencia a humildade de Maria em sua doação total demonstrando o itinerário de santidade nas virtudes de humildade e obediência na escuta da Palavra de Deus. Deste modo, o discípulo (a) de Cristo unido aos louvores e preces de Maria chega-se a Deus em Jesus Cristo. A conclusão a que se chegou é que São Francisco de Sales tem uma contribuição segura para o culto à Mãe dos brasileiros. E numa espiritualidade ecológica Maria é cuidadosa do mundo e modelo do ser humano que é paraíso.

Palavras-chave: Maria. Espiritualidade. Salesianidade.

Abstract: This paper addresses the Marian devotion in the Brazil's context from the light of Saint Francis of Sales, doctor of God's Love. The objective of this study is to present the contribution of Saint Francis of Sales for the comprehension about affection of brazilian people to Mary. To achieve this objective, this study was performed in the works of Saint Francis of Sales and the teachings of the Church. The most relevant point is to realize the development of the Marian devotion until today. Finding the Mary's image by the fishers marked the beginning of Our Lady Aparecida devotion. The worship of the Mother of Jesus is linked to the mystery of the salvation in Jesus Christ. Mary is Mother because she is "wife" of Christ. Mary is a precious gift from God to the Church. Saint Francis of Sales highlights Mary's humility in her fully donation demonstrating the way of sanctity in the virtues of humility and obedience to listen God's Words. In this way, the disciples of Christ united to the Mary's praises and prayers get to God in Jesus Christ. The achieved conclusion is that Saint Francis of Sales has a safe contribution to the worship of the Mother of brazilian people. And in an ecological spirituality Mary is careful of the world and model of the human being that is paradise.

Keywords: Mary. Spirituality. Salesiality.

¹ Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Docente do Centro Universitário Salesiano (UNISAL) de São Paulo, Campus Pio XI. E-mail: agnaldocj@gmail.com

Introdução

São Francisco de Sales é um propagador do culto da Mãe de Jesus. Para a Igreja no Brasil e na América Latina em geral, este culto tem um importante significado. Dessa forma, é relevante redescobrir a dimensão espiritual do culto mariano após a comemoração do tricentenário do achado da pequenina imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, nas águas do rio Paraíba do Sul, e o centenário da visão dos três pastorinhos a Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. Basicamente o que aqui se aborda é a dimensão espiritual do culto marial à luz de São Francisco de Sales.

Pode se considerar uma questão importante: o que São Francisco de Sales, que não conheceu o Brasil e muito menos a América Latina, pode contribuir para a questão da evangelização no contexto brasileiro? Não obstante ele já conhecesse a existência do novo mundo e mencionasse em suas obras, por duas vezes - o Maranhão (SALES, 1894, p. 288) e o brasileiro (SALES, 1892a, p. 119).

A teologia marial do doutor do Amor de Deus tem muito a incentivar a religiosidade marial numa visão brasileira, porque sua espiritualidade afetiva vem muito de encontro à sensibilidade do povo brasileiro e pode ajudar na compreensão dos elementos afetivos da experiência brasileira do culto marial.

A experiência humana e cristã de Francisco de Sales pode dar ocasião para aprofundar uma piedade marial equilibrada, contribuindo enormemente para a compreensão do mistério que é a Virgem Maria, a Mãe do Senhor sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida e de seu culto. Nas seções deste artigo, primeiramente se quer definir o culto, depois identificar o culto marial não como simples exemplo, mas presença constante na vida da Igreja. As obras completas de São Francisco de Sales são fonte principal do artigo, assim como o discurso sobre Maria no âmbito da Igreja católica e algumas obras de teólogos e historiadores referentes a Nossa Senhora Aparecida. Além disso, aqui se endossará a afetividade e a confiança, categorias bem desenvolvidas pela espiritualidade salesiana, impregnadas no culto marial brasileiro.

1. Culto de *hiperdulia*

É preciso cuidar para que não se tenha uma inflação sobre a Virgem Maria, porque é evidente que Maria sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida não é um mito brasileiro. Trata-se de uma pessoa histórica que viveu algo absolutamente único,

uma experiência espiritual única. A liturgia da Igreja desenvolveu durante os séculos o culto em torno do mistério de Maria. Deste modo, Nossa Senhora Aparecida é a Mãe do Verbo Encarnado, portanto Mãe de Deus representada na imagem da Imaculada Conceição encontrada no rio Paraíba do Sul que recebeu desde 1717 um culto progressivo do povo brasileiro numa sincera devoção.

O culto mariano é a veneração a Maria, Mãe de Jesus. Este culto se chama *hiperdulia*². São Francisco de Sales explica o sentido do culto em seu livro da *Defesa do Estandarte da Santa Cruz* que

se a adoração relativa dos pertences de Jesus Cristo se chama *latria* imperfeita, porque se refere à verdadeira e perfeita *latria* devida a Jesus Cristo, e até mesmo a prostração respectiva que se dirige aos pertences de Nossa Senhora se chama *hiperdulia*, particularmente quanto visa à perfeita *hiperdulia* devida a esta celeste Senhora, [...] porque não se chamará adoração de *latria* a honra que se faz à Virgem Mãe de Deus, e aos santos, já que a honra da Mãe e dos servidores redundam e se relaciona totalmente a honra e glória do Filho e Senhor Jesus Cristo, nosso soberano Deus e Redentor? Toda honra se relaciona a Deus, [...], portanto toda honra é, e se deve chamar adoração relativa de *latria* (SALES, 1892, p. 337, tradução nossa).

Explicando as coisas relativas a Jesus, a Maria e aos santos, nosso teólogo segue a explanação da Tradição, apresenta um raciocínio lógico que nos levará a compreender a veneração da pequena imagem da Virgem Maria encontrada no rio Paraíba do Sul que o povo brasileiro começou desde cedo, a chamar carinhosamente Nossa Senhora Aparecida. Segundo Brustolini (1998), depois do encontro da imagem pelos pescadores, os primeiros devotos invocaram-na Senhora Aparecida, porque aparecera na rede dos pescadores. Assim, deste acontecimento surge a devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida como Mãe de Deus e intercessora do povo brasileiro.

A Igreja reconheceu em Maria uma “[...] honra especial, infinitamente menor que de seu Filho, mais infinitamente mais que de todos os santos” (SALES, 1896, p. 458). Nisto ele recorda a importância de Maria na vida cristã, de modo particular, na espiritualidade cristã. O seu mistério está no mistério de Cristo. Ela é presença e ação maternal sobre os discípulos de Cristo na obra de redenção e santificação.

O Espírito Santo forma o Cristo nos discípulos, quanto maior união e identificação com Cristo mais se santifica, e mais intensa é a intervenção vital e

² O culto tributado a Deus chama-se *latria* que significa adoração. *Dulia* é o culto que se tributa aos santos que significa veneração. O culto que se tributa à Virgem Maria é chamado de *hiperdulia*, isto é, um culto superior ao que se tributa aos santos, e inferior ao que se tributa a Deus.

maternal de Maria, por isso afirma que “[...] quando os apóstolos ‘perseveravam com Maria’ receberam o Espírito Santo. É importante observar isto para saber a grande vantagem que existe em estar ‘com Maria’, ou a precedência de honra que coloca Maria acima de todos, como sendo a mais digna [...] (SALES, 1897, p. 412). Portanto, a vida espiritual dos cristãos é mariana e quanto mais vivida como tal, na medida em que cultive este sentido de “estar *com Maria*”, mais contribui para o desenvolvimento da mística cristã.

Isto está na raiz da formação espiritual cristã do povo brasileiro, pois, segundo Hoornaert (1977), “os portugueses que vieram para o Brasil eram particularmente devotos de Maria Santíssima. Pode-se escrever uma História do Brasil descrevendo os diversos significados que a imagem de Nossa Senhora teve ao longo desta história”. Assim como, “os diversos nomes de Maria marcam diversas etapas da história brasileira”.

De acordo com Hoornaert (1977), “a partir do período mineiro (séc. XVIII) surge poderosamente na tradição brasileira a imagem de Nossa Senhora da Conceição, [...]”. E ainda, “Nossa Senhora da Conceição no Brasil e sua devoção estão ligadas à consagração de Portugal e de suas colônias a Maria como “promessa” que cumpriu Dom João IV [...]”.

Diante das diversas tradições introduzidas no Brasil, surgiu em 1717 uma nova tradição: a de Nossa Senhora Aparecida, morena, que representa no Brasil a tradição latino-americana de Nossa Senhora de Guadalupe. Ela é a imagem da Virgem morena, representante da imensa maioria do povo. A imagem foi conservada pelos pobres até o ano 1745, quando se construiu uma capela (HOORNAERT, 1977).

Ademais, o culto de Maria é uma constante histórica do povo brasileiro, e a proclamação do dogma da Imaculada Conceição (1854) veio trazer um novo impulso na devoção mariana (HAUCK, 1980). O culto marial, manifestado de vários modos e vivido ao longo da história da Igreja no Brasil, mostra a força de Deus que, durante os 300 anos de devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o povo brasileiro encontrou força para superar as opressões.

O essencial em Maria é sua ação por vezes discreta, como mais interior e universal. O lugar, a função de Maria na Igreja é ser o coração: de sua pulsação todos os membros recebem a vida. Mas, o que dá vida a este coração é seu Filho. Por isso, de acordo com Brustoloni (1998), o que influenciou a rápida devoção à imagem de Nossa

Senhora Aparecida foi a mensagem de alegria e jubilosa esperança de salvação em Cristo pela intercessão da Senhora Aparecida.

2. Exemplo de igreja

Maria é mãe perfeita porque é perfeitamente “esposa” do Cristo. Seus dois amores, Cristo e a humanidade, em seu coração tornam-se um único amor, porque ela ama Jesus e ela ama a todos que são salvos por seu Filho.

A respeito disso, comenta o Bispo de Genebra: “Eu penso que Nossa Senhora não falou que duas vezes aos homens [...]: uma quando ela saudou Isabel, [...]. A segunda foi quando falou aos serventes do casamento, em Caná de Galileia, [...]. Nesses dois atos realizou o exercício da caridade e vontade da Virgem para com os homens” (SALES, 1896, p. 460, tradução nossa). Nesse caso, concebe-se que há um único desejo de amor, embora ele esteja vinculado à intercessão maternal de Maria. Essa perspectiva coincide com a de Forte (1991), quando afirma que “Na figura da Esposa está condensado o dom recebido pela Virgem e realizado na Mãe: o céu desce à terra e lança raízes nela; a terra preliba o amanhã de Deus, que lhe é dado e prometido” (p. 216). Portanto, a figura de “esposa” de Cristo é uma correlação com a Mãe, em que se manifesta a inter-relação que existe entre as duas figuras.

São João Paulo II, apresenta uma visão da Igreja peregrina na encíclica *Redemptoris Mater*, deste modo afirma que “[...] a bem-aventurada Virgem Maria continua a “preceder” o Povo de Deus. A sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja, [...]” (JOÃO PAULO II, 1997, pp. 387-388). Em nossa realidade brasileira o culto a Nossa Senhora Aparecida precedeu a evangelização, quando o extenso interior era desprovido de dioceses e paróquias, já que a organização eclesial se concentrava no litoral e em poucas cidades até a proclamação da república. É em torno de Maria que o povo brasileiro se reunia para rezar o terço e cantar louvores dando origem a muitas comunidades de fé.

Assim, São João Paulo II (1997) afirma que “[...] Maria não cessa de ser a ‘estrela do mar’ (*Maris Stella*) para todos aqueles que ainda percorrem o caminho da fé”. Como *Maris Stella*, ela é modelo para a Igreja peregrina na fé, navegante no mar da vida. A uma religiosa da Ordem da Visitação de Santa Maria, São Francisco de Sales escreve sobre a feliz navegação sob a proteção da Santa Virgem:

A gloriosíssima Virgem, nossa boníssima Senhora e piedosíssima Mãe, nos queira cobrir de seu santo amor, a fim de que vós e eu juntos, que tivemos a felicidade de ser chamados e embarcados sob sua proteção e em seu nome, façamos santamente nossa navegação em humilde pureza e simplicidade, a fim de que um dia nós nos encontremos ao porto de salvação que é o Paraíso, para louvar e bendizer eternamente seu Filho nosso Redentor. Amem (SALES, 1918, p. 203).

Maria, em termos escatológicos, é o protótipo da Igreja cobrindo com seu manto de amor aqueles que peregrinam na fé, na união com Jesus Cristo. No entanto, o culto a Maria não é um simples culto de exemplo, sua presença é ativa na vida da Igreja como se observa na religiosidade popular brasileira em torno de Nossa Senhora Aparecida. Segundo Brustoloni (1998), a devoção a Nossa Senhora Aparecida surgiu da fé profunda das famílias que se reuniam semanalmente junto da imagem para o culto de louvor à Mãe de Deus.

3. Maria e a piedade filial

São Francisco de Sales ensina uma verdadeira piedade filial no culto marial quando convida a ter um coração de filho e filha: “tenhamos por ela um verdadeiro coração filial” (SALES, 1893, p.105).

A dimensão maternal de Maria é seu atributo próprio. Assim, Deus em seu desígnio quis que, Maria, na sua condição maternal, tivesse papel importante na história da salvação. É o que o Doutor do Amor de Deus questiona:

Mas quem é, pergunto que não lhe teria (devoção), visto que ela (Maria) é nossa amabilíssima Mãe? E é verdade, ouça o Esposo no Cântico dos Cânticos quando lhe diz: *O teu ventre, oh minha bem-amada, é como um monte de grãos de trigo que é cercado de lírios* (Ct 7,2) de pudor de sua virgindade. Que quer dizer esse divino Amante, exceto que Nossa Senhora trouxe todos os cristãos em seu seio? E que assim produz apenas esse *grão* do qual está escrito que se ele *não cai na terra, fica só* (Jo 12, 24-25), e se ele caiu e é coberto germinará e produzirá, na terra, vários, a quem, pergunto, deve-se atribuir a produção desses outros grãos, se não àquela que produziu o primeiro, Nosso Senhor sendo Filho natural de Nossa Senhora? Embora ela trouxesse somente ele, de fato, em seu seio, ela, todavia trouxe todos os cristãos na pessoa de seu divino Filho, porque esse bendito *grão* nos produziu por sua morte; do mesmo modo a tâmara sendo plantada produz a palma da qual vêm depois disso muitas outras palmas; e porque não dirá que essas tâmaras pertencem à primeira da qual saiu? (SALES, 1897, p. 93, tradução nossa)

Certamente, Maria está essencialmente vinculada ao gesto salvífico, que é o “bendito grão [que] nos produziu por sua morte”, beneficiando ela mesma dos frutos da redenção sem deixar de ser Mãe do Senhor e de seus discípulos. Este “grão” nada mais é que a morte sacrificial expiatória e que pela sua ressurreição Jesus salva a humanidade de todos os tempos. Em cada celebração eucarística se proclama e atualiza o sacrifício de Cristo na cruz. Segundo Brustoloni (1998), na devoção a Nossa Senhora Aparecida o culto eucarístico foi sempre uma constante. Desde 1745, fundação da primeira igreja, a Eucaristia sempre é celebrada.

Deste modo, a continuação do pensamento de São Francisco de Sales faz uma esplêndida vinculação, totalmente mística, com a eucaristia e a Virgem Maria, “sacramento” do amor quando afirma:

Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram (Lc 11, 27). Nós somos nutridos desses sagrados peitos, porque Nosso Senhor tirou deles sua alimentação e os tendo amamentado, em seguida nos alimentou dos seus. Ele tem, nosso queridíssimo Mestre, peitos docíssimos e agradabilíssimos, como nos testemunha sua divina Esposa, dizendo: O meu Bem-Amado, como *teus peitos* são doces! Eles *são melhores que o vinho* (Ct 1, 1) de todos os contentamentos desse mundo. Ó Deus, como devemos honrar, de amor e de afeição Nossa Senhora, tanto porque ela é Mãe de nosso Salvador como porque ela é ainda a nossa! (SALES, 1897, p. 93, tradução nossa).

Portanto, Maria está intimamente associada ao ato redentor de Jesus Cristo, nada perdendo de sua eficácia como “sacramento” do amor de Deus. Depois, Maria está tão vinculada ao mistério eucarístico que o Papa São João Paulo II nomeou Maria “mulher eucarística” em relação à doação total de sua vida (JOÃO PAULO II, 2004).

Na realidade, Jesus deu a primazia ao parentesco espiritual em relação ao parentesco de sangue (Mc 3,31-35), no entanto, Maria é sua própria Mãe. São Francisco de Sales faz uma referência a Eucaristia ao querer se aparentar com Maria, quando pergunta:

mas que fazer para ser parente de nossa amável Soberana? Ó Deus, há mil meios para isso. Quereis-vos ser parente da Virgem? Comungueis, porque recebendo o santo Sacramento vós recebereis a carne de sua carne e o sangue de seu sangue, já que o precioso corpo do Salvador, que é a divina Eucaristia, foi feito e formado de seu mais puro sangue pela operação do Espírito Santo. Não podendo ser parente de Nossa Senhora na mesma maneira que Isabel, o sejais imitando suas virtudes e sua santíssima vida (SALES, 1898, p. 75).

4. Maria e a verdadeira devoção

Os primeiros devotos brasileiros de Maria “[...] começaram a invocar sob o título de ‘Senhora Aparecida’, como Aquela Senhora e Mãe de Deus ‘aparecera’, isto é, fora apanhada na rede no rio Paraíba. [...] A partir desse fato, nascia a devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida [...]” (BRUSTOLONI, 1998, p. 51). Mas qual é o significado que dá São Francisco de Sales a palavra devoção?

A devoção para São Francisco de Sales está explicada em seus três primeiros capítulos da *Introdução à vida devota*. E ele próprio indica a devoção ao enviar sua *Introdução* a várias pessoas destacando a santidade cristã, como numa das cartas à baronesa de Chantal: “[...] eu vos envio um escrito contemplando a perfeição de vida a todos os cristãos” (SALES, 1902, p. 266, tradução nossa), e a presidenta Brûlart dizendo: “Eu fiz uma pequena referência sobre o tema da perfeição da vida cristã, [...]” (SALES, 1902, p. 270, tradução nossa). Portanto, devoção quer significar santidade de vida.

A “[...] devoção é [...] a perfeição da caridade” (SALES, 1894a, p. 4). Assim assegura Schillebeeckx (1968) “[...] que uma vida verdadeiramente cristã implicitamente é um culto aos santos, e que o verdadeiro culto aos santos manifesta, à sua maneira, a influência de Cristo sobre a nossa vida”. Logo, santidade é uma obra de devoção realizada pelo próprio Cristo Jesus. “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Palavra de obediência, palavra de amor, porque amar a Deus é fazer sua vontade. Palavra de amor incompreensível, que permite ao Filho de Deus de cumprir por ela, sua incompreensível obra de amor.

Neste sentido há de se considerar que “a devoção mariana é um verdadeiro culto, e não apenas uma “devoção”, [...] (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 95). Maria é espelho e síntese da santidade cristã, assim, o bispo de Genebra quer que se dedique uma verdadeira devoção a Maria comungando de sua vida, prestando culto a ela, observando os mandamentos divinos (Cf. SALES, 1898, p. 404).

Entre estes mandamentos, o do amor é a chave de toda santidade cristã (Cf. 1Jo 4,16), e Maria observou este mandamento em alto grau. Guardando todas as proporções pode-se afirmar que ela é imagem perfeita de Deus: Maria é amor. Tudo nela se explica pelo amor ou conduz ao amor. Este caráter singular de amor que se relaciona ao propósito da maternidade divina, privilégio de amor e da grandeza de sua graça, ou seja,

potência de amor. O essencial deste amor é a conformidade de Maria à vontade de Deus (Cf. Jo 14,16). Certamente, ela deu esta prova de amor.

Maternidade amorosa é a maternidade espiritual de Maria a respeito de cada um. E isto é fundamento da piedade filial para com ela. É uma realidade profunda que se vincula à missão do ser da Virgem Maria. É um mistério, corolário da missão de intercessora de todos, já que, por esta missão, Maria comunica a vida da graça. Deste modo, sua mediação na Encarnação, Redenção e distribuição da graça corresponde à mediação universal³. Segundo o Místico do Amor de Deus, ela é mãe amorosa que dá em seu Filho, a vida de Deus, a vida do próprio Cristo em cada um. Por esta vida os seres humanos se tornam “[...] participantes da natureza divina, [...]” (2Pd 1,4). Assim como a vida é Cristo, Maria dá o Cristo a cada um. Por isso, ela dá a vida.

5. Maria e a confiança

São Francisco de Sales teve sempre uma devoção terna para com a Virgem Maria. Desde sua infância rezava a Maria quotidianamente com fervor, e morreu com seu nome sobre os lábios. Ele a glorificou em suas grandezas celebrando os mistérios de sua vida. Ele a louvou e a exaltou em suas virtudes dando-a como modelo a todos, rumo à santidade cristã.

Maria é “[...] cheia de graça” (Lc 1,28). Esta plenitude entende-se que Maria sempre possuiu todas as graças. A plenitude de graça em Maria não é a mesma em Jesus. Jesus é a fonte de toda graça, ou melhor, é a Graça. No entanto, a tradução do texto grego do evangelista São Lucas significa “agraciada”, ou seja, uma indicação da superabundância de graça que tornou plena a Virgem Maria. Enfim, Deus concedeu à sua Mãe todos os dons que seu poder e sua sabedoria podiam conceder.

Maria é cooperadora do autor da graça, que foi estritamente associada com seu Filho na Encarnação e Redenção, portanto, na aquisição de todas as graças que serão sempre distribuídas a todos. Ela foi associada ao Cristo para redimir e santificar a todos. Entre as grandezas desta mulher sobressai, em primeiro lugar, a plenitude de graça. Como Cristo possui a plenitude da graça de modo que “[...] de sua plenitude todos nós recebemos, graça por graça” (Jo 1, 16), assim Maria, “cheia de graça” recebeu de Deus uma superabundância de graça, de modo que todos recebem de sua plenitude. Ademais,

³ São Francisco de Sales defendeu a mediação universal de Maria.

a distribuição das graças por Maria se fundamenta em sua colaboração ao mistério da Redenção; à sua santidade única corresponde um poder de intercessão absolutamente único. Mas, é por sua maternidade divina que Maria requer de modo único, o poder de intercessão.

Segundo ele, a intercessão por Maria se reveste de um caráter absolutamente único porque a cooperação da Virgem à aquisição da graça foi absolutamente única. Por isso, Maria conduz à santidade todos que nela confiam. O vivo sentimento de afeição de São Francisco de Sales à Virgem Maria vem de sua juventude e sem dúvida também de sua formação na Itália. E foi pela intercessão de Nossa Senhora, que foi libertado da grande provação de sua adolescência, sem dúvida uma tentação contra a graça (MAIRE, 1994).

6. Maria, a imitação e a humildade especial

Pregando sobre a paixão de Jesus no segundo domingo da quaresma, São Francisco de Sales dá o exemplo de Nossa Senhora que se “[...] manteve firme ao pé da Cruz [...], que ela é protótipo de tudo o que é belo e de excelente no céu e na terra” (SALES, 1897, p. 29, tradução nossa). Maria é exemplo e dom de Deus à humanidade, é uma graça divina, que seu próprio Filho, com efeito, deu como graça de exemplo para a Igreja e para a humanidade (Cf. Jo 19,26-27). É na hora crucial e decisiva da obra salvadora de Jesus Cristo que foi oferecida Maria, sua Mãe, a todos que sofrem para, assim, comungar do seu exemplo diante das cruzes da existência (Cf. SALES, 1897, p. 342). Portanto, para comungar com atitude de Maria diante da cruz, é preciso se despojar de si mesmo. Embora, Maria foi oferecida por seu Filho Jesus como dom concreto do seu amor terno e maternal (Lc 13,34) a todos.

Nesta linha da doação total de Maria a Deus, São Francisco de Sales evidencia como base da generosidade a virtude da humildade. No sermão da festa de São Lucas, ele fala das condições para pintar Nossa Senhora “[...] São Lucas pintando tudo isso observou Nossa Senhora, porque olhava-a e foi olhado por ela, [...] que [...] pintou a face da Virgem, porque, diz-se, ela foi tão humilde [...]” (SALES, 1898, p. 126). Neste exemplo sobressai a virtude da humildade sempre acompanhada do amor, porque um não existe sem a outra. E “[...] a pintar em vossos corações a doce e desejável face da santíssima Virgem [...]” (SALES, 1898, p. 131). Ele quer ensinar a humildade e amor de

Maria. Na pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida sobressai em primeiro lugar o amor e a humildade da Mãe de Jesus.

Maria praticou de modo especial a humildade, virtude de base da vida interior. Para São Francisco de Sales, o progresso do amor de Deus consiste no aprofundamento simultâneo da humildade e da confiança no total abandono. Portanto, Maria caminhou na estrada da humildade e confiança, como afirma o autor da *Introdução*: “por que todos os Santos, mas particularmente o Rei dos Santos e sua Mãe, têm sempre honrado e querido esta digna virtude mais do que qualquer outra entre todas as morais” (SALES, 1893, p. 139).

A humildade de Maria é única, porque o *ego*, para ela, não conta, só existe Deus. Enfim, ele mostra que, na tensão entre humildade e a confiança, é que reside a medida de toda santidade (Cf. SALES, 1898, p. 141).

7. Maria e a obediência

A obediência de Maria, total e constante, perfeita em sua correspondência ativa às pequenas inspirações de Deus, é evidenciada pelo nosso santo quando apresenta o Salvador e sua Mãe como exemplo de obediência:

Meu Deus, é tão grandioso obedecer-vos, nós que nascemos somente para servir, já que ao Rei supremo coisas devem ser sujeitas (Sl 118,91) quis submeter à obediência? Recolhamos este exemplo sagrado que nos dão o Salvador e a gloriosa Virgem, e aprendamos a nos submeter-se, a nos tornar flexíveis, maneáveis e fáceis a nos deixar dirigir pelas mãos da santíssima obediência, e não por um tempo nem por certo ato particular, mas para sempre, todo tempo de nossa vida *até a morte* (SALES, 1897, p.259, tradução nossa).

A atenção às palavras do Pai e guardá-las, é um programa de santidade. Por isto Jesus insistiu sobre o único necessário: cumprir a vontade do Pai, e viveu e morreu por este motivo. São Francisco de Sales e tantos outros mestres espirituais puseram a obediência em dependência da humildade e destacaram Maria como a humilde e obediente.

8. Maria e a pobreza

Maria é tão rica que nada tem. Tal é a simplicidade de Maria. Ela é livre de toda complicação, de toda riqueza, de toda duplicidade: ela é. Ela representa a perfeição

evangélica: *Sede, portanto [...] simples [...]* (Mt 10,16). A virtude especial de simplicidade de Maria que não tem outro objetivo senão, Deus, e que vai direto a Ele.

A atitude de simplicidade procura somente Deus e o esquecimento de si mesmo. Maria não se vê nela mesma, mas vendo-se sempre em Deus, permanece a mais amorosa e a mais submissa, a mais agradável e a mais perfeita das criaturas.

O amor é dom de si, Maria renuncia a si mesma, e isto implica a pobreza no espírito, objeto da primeira bem-aventurança e por assim dizer a única (Mt 5,3). O pobre, com efeito, segundo a Bíblia, é o indigente, aquele que tem fome e aspira a ser alimentado; é afligido de todas as formas e chora, é isolado e sem socorro, ou explorado, oprimido por um mundo hostil e sonha com a justiça. Assim, despojado de tudo, está numa inteira disponibilidade de espírito e de coração à caridade. Deste modo, em alguns fragmentos de carta a Madre de Chantal, São Francisco de Sales escreve que a verdadeira pobreza é praticada por Nosso Senhor e sua santa Mãe: “Nosso Senhor e Nossa Senhora praticaram uma e outra sorte de pobreza: uma pobreza rejeitada, desprezada, vilipendiada, incômoda (SALES, 1923, p.177, tradução nossa).

9. Maria e a devoção à palavra de deus

Maria bebeu nas águas da Escritura santa. “A palavra de Deus vivo, anunciada pelo anjo a Maria, referia-se a ela própria: *Eis que conceberás e darás à luz um filho* (Lc 1,31)”, como ensinou o papa São João Paulo II (1997). E continua o papa polonês que na linha da obediência da fé, Maria “[...] ouve outras palavras [...]”.

São Francisco de Sales diz que na obediência da fé, Maria obedecia à vontade de Deus, ou seja, a palavra de Deus:

Nossa Senhora teve três grandes privilégios acima de todas as criaturas puras: o primeiro é que sempre foi obedientíssima à vontade de Deus, isto é, a sua Palavra, e isto desde o instante de sua concepção, sem jamais alterar nem interromper, nem mesmo um só momento (SALES, 1897, p.232, tradução nossa).

Maria volta seus ouvidos à Palavra de Deus, é obediente. Ela ama a Deus aceitando a sua vontade traduzida expressamente na Bíblia.

10. Maria e o respeito pelo corpo

A matéria do corpo, todavia, é uma matéria viva que pertence ao um vivente que é o homem e a mulher. Assim, a criatura material que Deus fez pode cooperar a seu governo. Mas o homem e a mulher, ser carnal e espiritual, pode ser associado estritamente a este governo. Por isso, Maria cooperou de modo singular com Deus no mistério da Encarnação. São Francisco de Sales afirma que

[...] a Santíssima Virgem, com devoção devia amar o seu corpo virginal, não somente porque era um corpo manso, humilde, puro, obediente ao santo amor, e que todo envolto em mil sagradas suavidades, mas também porque era a fonte viva do corpo do Salvador, e lhe pertencia tão estreitamente com uma pertinência incomparável. Era por isso que, quando ela punha seu corpo angélico no repouso do sono, dizia: Descansai um pouco da vossa fadiga, ó tabernáculo da aliança, arca da santidade, trono da Divindade, e reparai as vossas forças com este doce repouso (SALES, 1894a, p. 193, tradução nossa).

Hoje, vive-se um verdadeiro culto ao corpo que é contemplado nas academias de musculação, na busca de dietas milagrosas etc. O nosso santo ensina que Maria amou seu corpo com respeito e porque ele foi origem viva do corpo de Jesus, Salvador.

A teologia atual do corpo se fundamenta numa antropologia bíblica, porque o Verbo se fez carne - Encarnação; ou seja, se fez homem. Jesus Cristo é um homem que cumpriu a redenção em seu corpo que foi entregue e cujo sangue foi derramado. Da teologia bíblica do pecado, pode se deduzir que o corpo não é sede privilegiada do pecado, mas simplesmente o pecado de todo ser humano que se manifesta necessariamente no corpo. Mas é também necessariamente no corpo que será manifestada a salvação operada pelo Cristo. Não só no sentido onde se está agora, no corpo, de *templos do Espírito Santo* (1Cor 6,19), mas no corpo ressuscitado. É todo ser humano que se encontra revestido pela graça e que foi tornado manifestação da graça, todo ser humano e, também, a humanidade bem-aventurada colocada corporalmente em presença do ser corporal de Cristo (RAHNER; VORGRIMLER, 1970).

11. Ave maria e o terço

É importante lembrar as considerações sobre os exercícios piedosos em particular o rosário na Exortação *Marialis cultus* de Paulo VI (1967). Mas, segundo

Schillebeeckx (1968) o “[...] rosário é uma devoção mariana muito recomendada pela Igreja. Não surgiu de um momento para o outro do espírito genial de algum devoto de Maria. É fruto de uma lenta evolução, elaborada a partir de uma forma rudimentar, [...]”. E continua a explicar que “o rosário é, por conseguinte, uma oração que progride lentamente e de maneira muito livre. Fixa-se atenção ora sobre o conteúdo da *Ave Maria*, ora sobre o mistério da dezena”. E ainda diz que “a repetição maquinal da *Ave Maria* desperta em nós verdades salutares já conquistadas”.

Foi pela assistência de Maria que São Francisco de Sales se libertou de uma crise, durante a sua estadia em Paris. A crise era uma tentação de desespero diante de sua salvação eterna influenciado pela doutrina da predestinação. E entrando na igreja dos padres dominicanos, na capela da Virgem rezou o *Lembrai-vos* saindo curado da crise (LAJEUNIE, 1966). A partir desta época, São Francisco de Sales fez promessa de rezar todos os dias de sua vida terço.

Pregando sobre a intercessão de Nossa Senhora e dos santos diz que: “[...] é porque a Igreja querendo, como boa mãe, nos ensinar melhor a nos servir da intervenção da Santa Virgem e dos santos, ela acrescentou a *Ave Maria* ao *Pai nosso* para recitá-los consecutivamente após a Oração Dominical” (SALES, 1898, p. 73, tradução nossa). E diz ainda partilhando a devoção do Rosário em Annecy: “Domingo eu fiz um sermão sobre o Rosário, [...] e com que eu queria fazer compreender ao meu querido povo, porque se chamava o Rosário *Coroa*, fui obrigado a citar São Paulo, o qual chamava seus discípulos, sua *coroa*, *continuai firmes no Senhor, ó meus queridos*” (Fl 4,1) (SALES, 1906, p. 76). Assim, o terço quer ser um instrumento de perseverança na comunhão dos mistérios e da vida de Cristo, já que “tem seu valor do fato de estar totalmente dirigido para o mistério salvífico da redenção operada por Cristo, e para a presença ativa de Maria e sua associação à economia histórica da salvação” (SCHILLEBEECKX, 1968).

Segundo Brustoloni (1998), o terço e a ladainha foram as primeiras devoções marianas celebrada pelo povo junto a imagem de Nossa Senhora Aparecida, cuja devoção nasceu com o terço que depois foi transferido para o santuário. Assim vemos como Maria conduz e faz o povo perseverar no seguimento de seu Filho.

12. Maria e a missa do sábado

Na programação celebrativa anual, a Igreja, recorda destacando amorosamente a memória de Maria, Mãe do Senhor, porque ela esteve indissolúvelmente associada à ação redentora de seu Filho: admirando e exaltando na pessoa de Maria, o fruto mais excelente da Redenção, e contemplando-a alegremente, como perfeita imagem daquilo que a Igreja mesma deseja ansiosamente ser.

Assim, o próprio São Francisco de Sales explica que a “[...] honra que a santa Igreja sempre manifestou pela sagrada Virgem foi a causa de adicionar as festas que ela soleniza ao longo dos anos, [...]; quero dizer que a Igreja, para mostrar a grande honra e amor que professa por esta santa Senhora, lhe dedica o sábado de cada semana [...]” (SALES, 1897, p. 355, tradução nossa).

E diz também, na carta à senhora de la Fléchère falando sobre a maneira de socorrer o próximo e louvar a Virgem Maria: “é melhor escolher algum pobre padre e lhe pedir para celebrar a missa do sábado, que dar todos os dias uma ninharia: assim aliviarás o próximo e louvarás a Virgem Maria por uma mais excelente ação (SALES, 1906, p. 270).

A memória de Nossa Senhora no sábado muito recomendada pela Igreja é relacionada por nosso santo com o amor do próximo. Aqui é importante notar que no início do culto de Nossa Senhora Aparecida a prática da memória no sábado era também seguida. Segundo Brustoloni (1998), “[...] os moradores se reuniam aos sábados para cantar o terço e as ladainhas junto da Imagem”. E, também, o “[...] povo costumava reunir-se todos os sábados para rezar o terço e cumprir as demais devoções à Mãe de Deus”.

13. Culto pela união aos louvores de maria

Segundo Beckhäuser (2000), cantando as glórias de Maria, cultua-se a Deus. Em Maria contempla-se a benevolência de Deus para com os homens e as mulheres; contempla-se o ser humano ideal, chamado a realizar plenamente o plano de Deus; contempla-se a Igreja que recebe o dom de Deus e o transmite aos homens e mulheres. Nela vê-se cada pessoa humana convidada a pronunciar o seu *fiat* ao seu Criador e já se contempla a Igreja glorificada e a glória que cada um espera. Em Maria celebra-se a criação, comemora-se a redenção em Jesus Cristo, a Igreja e cada um.

Isto é assegurado pelo santo místico:

Vamos, pois, subindo de grau em grau nesse santo exercício, pelas criaturas que convidamos a louvar a Deus, passando das insensíveis às racionais e intelectuais, e da Igreja militante à triunfante, na qual subimos até aos anjos e os santos, e acima de todos encontramos a Santíssima Virgem, que dum modo incomparável, louva e magnifica a Divindade mais alta, mas santa e mais suavemente do que jamais poderia fazê-lo todo o resto das criaturas juntas (SALES, 1894a, 292, tradução nossa).

Dessa maneira, no culto à Senhora da Conceição Aparecida, de acordo com Brustoloni (1998), o povo se reunia para rezar e cantar louvores a Deus, a Cristo, a Maria. Esta era a forma mais lídima e popular de manifestação do catolicismo luso-brasileiro. Reunidos para o louvor de Deus e da Virgem Maria, nascia o compromisso de fé das humildes famílias dos pescadores, permanecendo unidas a Cristo e à sua Igreja.

Nos louvores de Maria canta-se a Deus em Jesus Cristo. Assim, segundo Schillebeeckx (1968), “Maria não é um elo que une o homem a Deus, mas o seio que gera todos os irmãos de Cristo. O encontro com Cristo faz-se nela”. Deste modo, a fé do povo brasileiro se enraizou em torno do culto da imagem de Nossa Senhora Aparecida, por isso, conforme Brustoloni (1998, p. 383), a “[...] intercessão de Maria aparece, [...] fato que ajudou a fundamentar a vocação cristã mariana do povo brasileiro”.

14. Por união às suas preces

A pequenina imagem de Nossa Senhora Aparecida tem suas mãos postas em prece para interceder despertando no povo grande confiança (BRUSTOLONI, 1998). É importante destacar este pequeno detalhe das mãos em preces na imagem da Padroeira do Brasil, como intercedendo pelo povo brasileiro.

As preces a Cristo no *fiat* de Maria, o *fiat*, assumindo as preces, torna-se poderosíssimo meio para que as súplicas sejam atendidas. Um discípulo de Cristo nunca está sozinho quando reza. Toda comunhão dos santos, reza com ele. E a intercessão universal da mãe do corpo místico assume esta comunhão de preces em Cristo (SCHILLEBEECKX, 1968). Deste modo, São Francisco de Sales, pregando sobre as bodas de Caná ensina a unir as súplicas às preces de Maria:

oração certamente excelentíssima, na qual esta santa Senhora fala a Nosso Senhor com a maior reverência e humildade que se pode imaginar; porque ela vai ao seu Filho não com política nem com palavras cheias de presunção, como fazem várias pessoas indiscretas e irrefletidas. Mas, com uma humildade profundíssima, apresenta-lhe a necessidade dessas bodas, tendo por tudo assegurado [...] (SALES, 1898, p. 9, tradução nossa).

Com efeito, São Francisco de Sales propõe aos discípulos de Cristo um caminho seguro para viver o amor de Deus em comunhão com os mistérios de Maria, e a sua ajuda eficaz através da sua intercessão. Foi sua prática constante, desde sua infância até sua morte como testemunha sua vida. E inclusive, foi seu conselho constante nas suas exortações públicas e cartas a consideração de Maria como medianeira universal.

Conclusão

À luz da espiritualidade de São Francisco de Sales pode-se refletir que o culto, o exemplo, a piedade filial, a verdadeira devoção, a confiança, a imitação, humildade especial, a obediência, a pobreza, a devoção à Palavra de Deus, o corpo, o terço, a memória *in Sabbato*, os louvores e as preces são elementos de culto vividos na devoção à Padroeira do Brasil.

As lutas e preocupações pelo planeta são desafios que hoje o Papa Francisco convida a sociedade avançar com Maria. A carta encíclica “Laudato Si” (2015, § 217) oferece para entender com o olhar de Deus a conversão ecológica: “[...] deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa”. Portanto, a conversão ecológica exige profunda transformação de mentalidade e de atitudes nas relações com a natureza.

Maria é Mãe de Deus e Mãe dos homens e mulheres, cheia de graça na sua solicitude maternal, como acentua Francisco na “Laudato Si” (2015, § 241), que ela continua sua missão de intercessão a favor do mundo: “Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido”. E, atento aos sinais dos tempos, o Papa sublinha a dimensão contemplativa de Maria que ela “[...] nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio”. À luz de uma espiritualidade ecológica, Francisco de Sales (1932, p. 44) destaca que o mundo é sempre um paraíso: “O homem é o paraíso do Paraíso mesmo, já que o paraíso não foi

feito senão para ser a morada do homem, como o homem foi feito para ser morada de Deus”. Desse modo, a salesianidade levará a descobrir que Maria pode bem ser tomada como modelo, posto que Deus quer salvar o ser humano, mas é também sabedoria, deseja a Maria um lugar especial na história da salvação e no paraíso que é a morada humana.

Diante do que se refletiu ao longo do artigo, parece muito claro que São Francisco de Sales tem uma contribuição para o culto à Mãe dos brasileiros. A partir desta constatação percebe-se a atualidade das considerações de salesianidade ao culto marial em nossa religiosidade contemporânea. Assim, resta diante dessa reflexão, explorar na teologia de São Francisco de Sales elementos da religiosidade popular no processo de evangelização contemporânea.

Referências

- BECKHÄUSER, A. *Celebrar a Vida Cristã: Formação Litúrgica para Agentes de Pastoral, Equipes de Liturgia e Grupos de Reflexão*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 292 p.
- BRUSTOLONI, J. J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, o Santuário e as Romarias*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II, 1962-1965*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33 - 86.
- FRANCISCO. *Laudato Si*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (24.04.2015). São Paulo: Paulinas, 2015.
- FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- HAUCK, J. F. et al. *História da Igreja no Brasil: A Igreja no Brasil no século XIX*. Petrópolis: Vozes, 1980. 322 p. (Tomo II/2).
- HOORNAERT, E. et al. *História da Igreja no Brasil: Primeira Época*. Petrópolis: Vozes, 1977. 442 p. (Tomo II).
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris mater*. In: João Paulo II. *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 381-465.
- _____. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. 86 p.
- LAJEUNIE, E-J. *Saint François de Sales: L'Homme, la Pensée, l'Action*. Paris: Éditions Guy Victor, 1966. 532 p.
- MAIRE, J. Le Mystère de la Visitation D'après Saint François de Sales et le Premières Visitandines de l'Année Sainte. In: BORDES, Hélène; HENNEQUIN, Jacques. *L'Univers Salésien: Saint François de Sales Hier et Aujourd'hui*. Paris: Université de Metz, 1994. p. 335-344.
- SALES, S. F. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy : Imprimerie J. Niérat, 1892a. 419 p. (Tome I).
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1892b. 432 p. (Tome II).

- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy : Imprimerie J. Niérat, 1894a. 369 p. (Tome IV)
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1896. 490 p. (Tome VII).
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1897. 447 p.
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy : Imprimerie J. Niérat, 1902, 522 p. (Tome XII)
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Abry, 1908. 468 p. (Tome XV)
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy : Imprimerie J. Abry, 1906. 477 p. (Tome XIV)
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Abry, 1910. 484 p. (Tome XVI)
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Abry, 1911. 478 p.
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Abry, 1918. 482 p. (Tome XX)
- _____. *Oeuvres de Saint François de Sales*. Annecy: Imprimerie J. Abry, 1932. 505 p. (Tome XXVI)
- PAULO VI. O Culto à Virgem Maria. In: *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 320-378.
- SCHILLEBEECKX, E. *Maria, Mãe da Redenção: Linhas Mestras Religiosas do Mistério Mariano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. 127 p.
- RAHNER, K.; VORGRIMLER, H. *Petit dictionnaire de théologie catholique*. Freiburg-im-brisgau: Éditions Du Seuil, 1970. 507 p.

Recebido em: 04/10/2019
Aprovado em: 06/11/2019